

MARIA MANCHUR STOSKI

**QUAL O PAPEL DO PROFESSOR DE LITERATURA NO RESGATE
DA IDENTIDADE DO HOMEM DO CAMPO?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca do Curso de Especialização em Educação do Campo da Universidade Federal do Paraná. Como requisito parcial para obtenção do grau de especialista.

Profª Orientadora: **Adriana Lucinda de Oliveira**

MATINHOS

2011

QUAL O PAPEL DO PROFESSOR DE LITERATURA NO RESGATE DA IDENTIDADE DO HOMEM DO CAMPO?

STOSKI Maria Manchur ¹

ALANO Elsi do Rocio Cardoso ²

RESUMO

Neste trabalho discutimos a influência e as contribuições da literatura brasileira na formação da identidade do homem do campo. Iniciamos apresentando o curso PROJOVEM CAMPO SABERES DA TERRA bem como as principais dificuldades detectadas. Situamos o ensino tradicional, as pesquisas e discussões que se fizeram necessárias para que a escola pública pudesse acompanhar a modernização dos últimos tempos. Em seguida apresentamos alguns fragmentos de livros de literatura brasileira pré-modernista e modernista utilizados nas aulas. Discutimos o porquê e como se trabalhar com os implícitos nos textos escolhidos, tentando desenvolver a sensibilidade do leitor, procedemos, ainda, análise lingüística, evidenciando a intertextualidade e o dialogismo dos mesmos. Buscamos desenvolver o prazer de ler, e o incentivo à leitura reflexiva, sempre seguidos de síntese de suas reflexões. A preocupação maior neste momento não foi, portanto, com a estrutura e os aspectos gramaticais, mas sim com a reflexão acerca das pistas deixadas pelo autor e seu discurso.

Palavras-chave: Literatura – identidade - cultura

¹ – Especialização em Educação do campo-Programa Saberes da Terra, Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral (UFPR Litoral) Colégio João Paulo II – Palmital_Pr. E-mail maria_manchur@hotmail.com

² Professora da Universidade Federal do Paraná- Setor Litoral.

ABSTRACT

In this work we discuss the influence and the contributions of the Brazilian literature in the formation of the identity of the man of the field. We begin presenting the PROJovem CAMPO- SABERES DA TERRA and the principal detected difficulties. We situate the traditional teaching, the inquiries and discussions that were made necessary so that the public school could accompany the modernization of the last times. Next we present some fragments of books of Brazilian literature modernist-daily pay and modernist. We discuss it why and how to work with the implicit ones in the chosen texts, trying to develop the sensibility of the reader, we proceed, still, linguistic analysis, showing up to intertextualidade and the dialogism of same. We look to develop the pleasure of reading, and the incentive to the reflexive reading, always followed from synthesis of his reflections. The biggest preoccupation at this moment was not, so, with the structure and the grammatical aspects, but yes with the reflection about the traces left by the author and his speech.

KEY WORDS- Literature- culture-identity

INTRODUÇÃO

Muitos jovens e adultos nos procuraram para cursar o PROJovem CAMPO- SABERES DA TERRA³, com a expectativa de fazer deste, o melhor em aproveitamento de tempo e dos conteúdos defasados. Nossa turma foi formada por assentados do movimento dos trabalhadores rurais sem terra (MST), empregados rurais, agricultores (agricultura familiar), motoristas de transporte escolar, agente de saúde, alfabetizadoras do Paraná alfabetizado) num total de 14 mulheres e 15 homens, residentes na zona rural de Palmital, até 20 km de distância do colégio.

Mas, à medida que as atividades foram sendo desenvolvidas, alguns estudantes perceberam que não era bem isso o que eles queriam, não aceitaram

³ Programa do Governo Federal destinado a jovens de 18 a 29 anos, trabalhadores do campo, que não concluíram o Ensino Fundamental.

a metodologia, que não veio ao encontro de suas expectativas: fazer um curso rápido após o qual poderiam mudar de vida, arranjando emprego na cidade. Houve desistências de alguns, assim como houve resistências de outros até que entendessem a proposta do curso. Com o decorrer das aulas, fomos nos conhecendo, e de forma clara e respeitosa, passamos a falar mais a “língua” deles e os laços de confiança e cumplicidade foram se estreitando. Começamos a contação de histórias de vida ⁴ em pequenos grupos, para que se sentissem mais à vontade. Depois alguns mais extrovertidos passaram a sociabilizar suas experiências de vida com a classe.

Seus relatos, suas histórias de vida, deixaram transparecer o preconceito, o constrangimento e a pressão psicológica que sofrem. Muitos se consideram excluídos pela escola e pela sociedade por serem trabalhadores rurais. Pudemos perceber os conflitos presentes nessas comunidades, influenciando no processo de construção da identidade dos sujeitos.

Aflorou uma crise de identidade, como se só nesse momento eles refletissem sobre sua existência no mundo, percebendo quão pouco sabem de si, de seu “posto no cosmos” (FREIRE, 2005). Percebemos a influência dos meios de comunicação que hoje se fazem presentes em todos os lugares, produzindo diferentes resultados em termos de identidade. A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente e à cultura local (SILVA, 2009). É preciso conhecer as pessoas com os quais nos dispomos a trabalhar reconhecendo que as identidades são constituídas de dentro para fora do discurso.

Naquele momento, se fez necessário ser solidário, ouvir, estudar as comunidades onde eles estão inseridos, conhecer suas raízes, buscar o que pode trazer orgulho na sua história, utilizando recursos da linguagem e da cultura, “pois as identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado

⁴ História de vida- primeira atividade pedagógica realizada no curso pró-jovem campo saberes da terra, resgate da história de vida do estudante e de sua família.

histórico, com o qual elas continuariam a manter certa correspondência“ (SILVA, 2009), despertar a auto-estima, a auto-confiança, com isso, ressignificar, reconstruir, buscando na cultura deles mesmos a sua própria identidade. Isso requer tempo e relativa liberdade pedagógica e apoio teórico de autores como por exemplo, Paulo Freire, conforme segue:

Nem sempre, infelizmente, muitos de nós, educadores e educadoras que proclamamos uma opção democrática, temos uma prática em coerência com nosso discurso avançado. Daí que o nosso discurso, incoerente com a nossa prática, vire puro palavreado. Daí que muitas vezes as nossas palavras inflamadas, contraditas porém por prática autoritária, entrem por um ouvido e saiam pelo outro- os ouvidos das massas populares, cansadas, neste país, do descaso e do desrespeito com que há quatrocentos e oitenta anos vem sendo tratadas pelo arbítrio e pela arrogância dos poderosos. (FREIRE,1982)

De onde vem essa crise de identidade? As leituras, discussões e reflexões, que os primeiros dias de aula na própria turma do Projovem nos proporcionaram, já nos apontaram algumas fontes como por exemplo: o despertar da consciência de sua fragilidade enquanto cidadãos, “roubados de sua palavra” e vistos apenas como força de trabalho; o medo da liberdade e da responsabilidade a ela atrelada, no exercício consciente da cidadania. E ainda por nós educadores, que de modo geral reproduzimos a cultura dominante, negando a valorização da cultura das classes populares num processo de afirmação de uma identidade nacional, que omite diferenças de classe e de gênero (SILVA, 2009). No entanto, a metodologia do Projovem, possibilita a educandos amadurecidos, levantar e discutir questões polêmicas pautadas na literatura, nas artes e na cultura das classes populares, um legado de mais de quinhentos anos.

A luta por “Educação para Todos” é antiga e em nosso país data de 1932, mas a partir dos anos 1950, inicia-se um discurso urbanizador destacando a **fusão** dos espaços rural e urbano, promovendo a idealização do desaparecimento da sociedade rural. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961, em seu artigo 105 estabeleceu que “Os poderes públicos instituirão e ampararão serviços e entidades que mantenham na zona rural

escolas capazes de favorecer a adaptação do homem ao meio e ao estímulo de vocações profissionais.

Após o golpe de 1964, a repressão a todos os meios de comunicação, impõe limites e passa a controlar as manifestações populares, comprometendo e desarticulando a formação e a intervenção das organizações e entidades, restando, uma reprimida educação nas áreas urbanas e suspensão de iniciativas de educação das classes populares. “Nesse período, não havia o ensino institucionalizado e sim práticas restritas à alfabetização, voltada a manter a ordem patriarcal, colonial o controle político e social mais do que de caráter pedagógico. Tratava-se de um ensino eloquente, retórico, imitativo, elitista e ornamental, visando, no dizer de Villalta (1997, p.35) à construção de uma civilização de aparências com base em uma educação “claramente reprodutivista, voltada para a perpetuação da ordem patriarcal estamental e colonial)

Em 1967, houve uma ampliação da oferta de vagas no ensino público decorrente da democratização no ensino, com a eliminação dos exames de admissão, e outras políticas de expansão quantitativa da rede escolar. Isso levou a altos índices de evasão e repetência das classes populares, pois os conteúdos, agora dos livros didáticos, estavam fora do horizonte de expectativas dos menos favorecidos; levou ao arrocho salarial dos professores, atrelando-se a isso, maior número de horas aula semanais com classes superlotadas e a abertura indiscriminada de faculdades que comprometeram ainda mais a qualidade do ensino público (DCEs 2006, p.17). No entanto, a classe excluída, não poderia dispensar propostas pedagógicas que levassem em conta as suas necessidades, que respeitassem os padrões culturais trazidos agora pelas classes populares, a maioria migrada do campo, voltadas nesse momento, ao processo de formação de mão de obra para a indústria, desencadeadas no governo de Getúlio Vargas, vinculando-se a educação com a industrialização.

Até meados do século XX, o ensino da literatura era predominantemente baseado na Antiguidade Clássica, o principal instrumento de trabalho eram as antologias literárias. Nas décadas de 60 – 70, a leitura do texto literário na sala de aula tinha por objetivo transmitir a norma culta da língua com a realização de

exercícios gramaticais, ou lições de moral, religiosas e cívicas. Na tentativa de mudanças, passou-se a centrar análise literária nesses textos, com aplicação de questionários sobre personagens, espaço, tema e até exercícios de gramática e ortografia. (DCEs p.17).

Em consequência do processo de democratização, passaram a freqüentar as escolas, grande número de falantes de variedades do português muito distante do modelo tradicionalmente trabalhado nas escolas, conforme afirma Faraco (1997. p.57). Com isso, passou a haver um profundo choque entre os modelos, valores escolares e a realidade dos falantes: choque entre a língua da maioria das crianças (e jovens) e o modelo artificial de língua cultuado pela educação da lingüística tradicional; entre a fala do professor e a lingüística tradicional; entre a fala do professor e a norma escolar; entre a norma escolar e a norma real, entre a fala do professor e a fala dos alunos.

A maioria dos livros didáticos, trabalhava com fragmentos de textos literários, em vez de integrais e estes eram escolhidos, observando-se as tendências dominantes em cada época, e para o ensino da Língua Materna, utilizavam-se de exercícios estruturais, como preenchimento de lacunas, questionários, estudo dirigido, destituindo o aluno de sua capacidade reflexiva e criativa, a interação com o texto e a expansão dos sentidos da leitura. A historiografia literária que ainda persiste nas salas de aula, coloca o aluno diante de listas e resumos de obras, para detectar características de época, como preparação para os vestibulares

Uma proposta pedagógica denominada Pedagogia da Alternância, inspirada em modelo francês, surgiu no Brasil a partir de 1969, tem sido apontada como uma alternativa válida e promissora de uma educação de qualidade no campo.

Dessas novas propostas surge a Lei 5692/71 a qual dispôs que o ensino deveria ser voltado à qualificação para o trabalho, decorrendo daí uma educação tecnicista que, na Língua Portuguesa estava pautada nas teorias da comunicação, com um viés mais pragmático e utilitário do que com o aprimoramento das capacidades lingüísticas do cidadão em formação.

Somente a partir dos anos 1990, com a evolução dos movimentos sociais, é que a educação começa a dar sinais de mudança. Com a participação, mobilização, envolvimento de grupos sociais sindicais, pressionando a elaboração e aprovação de Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. A garantia de determinadas condições de existência e de uma nova sociedade no campo, com valores considerados essenciais e indispensáveis à humanização de homens, mulheres, jovens e crianças do campo, está despontando pelas discussões sobre uma nova forma de educação.

Trata-se da garantia que surge com o avanço da consciência coletiva ou da compreensão dos movimentos sociais pelas populações que vivem e produzem nos diversos espaços que compõem o Território Brasileiro, multifacetado. É importante destacar que a mídia chegou a todos os pontos do país, levando informações, opiniões, manifestações públicas, soluções para diversos problemas, antes mesmo que as políticas públicas chegassem, principalmente no que diz respeito à educação de qualidade. Isso tem despertado mais intensamente, o desejo de soluções para problemas diversos que existem nas diferentes comunidades, e, no caso, dos nossos educandos.

Nos primeiros dias de aula, buscamos textos diversos como: informativos, poéticos e ou jornalísticos, que possibilitassem uma avaliação e um bom planejamento para o desenvolvimento do nosso trabalho.

É preciso estar atento aos conteúdos culturais que os textos escolares incorporam à transferência educativa. Todos os materiais de leitura enquanto linguagem transmitem modelos de vida, através dos quais o indivíduo aprende a desenvolver-se como membro de uma sociedade e a adotar sua cultura, seus modos de pensar e agir, suas crenças seus valores (Halliday, 1982) , além de compartilhar interesses e objetivos e levantar polêmicas que despertem a participação da maioria, é complementada como explica Geraldi em *Portos de Passagem* :

A entrada de um texto para a leitura em sala de aula responde a necessidades e provoca necessidades; estas necessidades podem ter surgido em função do que temos chamado “ter o que dizer” quanto em função das estratégias de dizer”. (2002, p.188)

Nessas leituras e discussões, levantamos as principais necessidades, principalmente em como dizer o que tínhamos a dizer.

Numa relação de intertextualidade, analisamos produções perpassadas de ideologias, sentimentos, sentidos que podem ser redescobertos a qualquer época levantando possibilidades de tomadas de posição diante da ideologia dominante.

Utilizamos alguns fragmentos de autores pré-modernistas como: Monteiro Lobato, Lima Barreto, Ferreira de Castro, Olavo Bilac, Euclides da Cunha, que deram suporte às reflexões nos primeiros dias de curso. O filme “Tristeza do Jeca” nos proporcionou momentos de reflexão relacionada à política, a educação, a saúde, a cidadania, a cultura, entre outras.

As considerações feitas pelos estudantes dão conta de que em nosso município, muitas coisas permanecem, no que se refere à política, saneamento, educação, preconceitos.

Partindo dessas questões, passamos a buscar em outras obras literárias, os fundamentos para a crise de identidade que prejudica as classes populares, feita através da literatura, de situações de miséria, fome, injustiça, opressão e exploração do homem pelo homem. Em Urupês, os contos de Monteiro Lobato apresentam o sertanejo como :

Este funesto parasita da terra é o CABOCLO, espécie de homem baldio, seminômade, inadaptável à civilização, mas que vive à beira dela na penumbra de zonas fronteiriças. À medida que o progresso vem chegando com a via férrea, o italiano, o arado, a valorização da propriedade, vai ele refugindo em silêncio, com seu cachorro, o seu pilão, a pica-pau e o isqueiro, de modo a conservar-se sempre fronteiriço, mudo e sorna.(URUPES 1994, p.161)

Em outros contos do mesmo autor, percebem-se outras citações em que o sertanejo é apresentado como ser “inferior, sem cultura, sem força de vontade de participar do progresso do país”. Lobato, é um dos primeiros autores brasileiros a falar dos problemas de nossa terra, Já havia um padrão de beleza e, que não era a dos negros, conforme a descrição da personagem no texto “BOCATORTA” *“Filho de uma escrava de meu pai, nasceu, o mísero, disforme, e horripilante como não há memória em outro.”*(URUPÊS- 1994, p. 118) E continua a descrever a “feiúra” do cidadão em questão. A cultura do homem branco, “colonizador” da

época, não considerava preconceito falar dessa maneira, até de uma forma sensacionalista.

Leia este trecho de uma carta escrita por Monteiro Lobato, em 1914, a seu amigo Godofredo Rangel:

“A nossa literatura é fabricada nas cidades por sujeitos que não penetram nos campos de medo dos carrapatos. E se por acaso um deles se atreve e faz uma “entrada”, a novidade do cenário embota-lhe a visão, atrapalha-o, e ele, por comodidade, entra a ver o velho caboclo romântico já cristalizado- e vê até caipirinhas cor de jambo, como o Fagundes Varela. O meio mais certo de curar esses homens de letras é retificar-lhes a visão. Como? Dando-lhes a cada um uma fazenda pra que administrem. Se eu não tivesse virado fazendeiro, o mais certo era estaria na cidade a perpetuar a visão erradíssima do nosso homem rural [...] (TUFANO 2004).

Nos momentos de roda de conversa, propusemos questionar os conhecimentos dos estudantes a respeito do modo de vida e cultura dos amigos e vizinhos, uma vez que a maioria mora no interior, comparando-os com os dos textos literários. Buscamos “Lima Barreto”, com “**Triste Fim de Policarpo Quaresma**”, constatamos que a personagem Major Quaresma faz referência à terra, da mesma maneira que Jeca canta no filme “*Esta terra é boa, tudo tem e tudo dá, mas não fique aí parado. É preciso trabaíá*”.

Esta obra apresenta a vida de uma personagem que, após aposentar-se no serviço público, estando triste, abatido e taciturno, resolve tirar da terra o alimento, a alegria e a fortuna a tranqüilidade no Sítio do Sossego, no Rio de Janeiro. Ressalta que: Mas como no Brasil há poucos países que tenham terras férteis. “A nossa terra tem os terrenos mais férteis do mundo. O milho pode dar às colheitas até duas colheitas e quatrocentos por um)⁵, aí luta contra os inimigos naturais (formigas, falta de chuva, desgaste do solo precisando de cuidados), apresentando ao leitor as dificuldades por que passam os trabalhadores do campo, sem recursos financeiros para investimentos. Apresenta a pobreza e a miséria dos camponeses na fala da personagem Olga, observando os sítios vizinhos do sítio do Sossego. E ela questiona:

⁵ Triste Fim de Policarpo Quaresma- Lima Barreto

O que mais a impressionou no passeio foi a miséria geral, a falta de cultivo, a pobreza das casas, o ar triste, abatido da gente pobre. Educada na cidade, ela tinha dos roceiros a idéia de que eram felizes, saudáveis e alegres. Havendo tanto barro, tanta água, por que suas casas não eram de tijolos e não tinham telhas? era sempre aquele sapê sinistro e aquele sopapo que deixava ver a trama de varas, como o esqueleto de um doente. Por que ao lado dessas casas não havia culturas, uma horta, um pomar? Não seria tão fácil, trabalho de horas? e não havia gado =nem grande, nem pequeno. Era raro uma cabra, um carneiro, por quê? ... (BARRETO, .p. 81- 1994)

A personagem faz a seguir, uma comparação. “Aquilo era uma situação do camponês da Idade Média e começo da nossa”. E Felizardo, trabalhador do sítio, faz outra denuncia: “_Terra não é nossa... É frumiga?... nós não tem ferramenta... isso é bom pra italiano ou alemão que o governo dá tudo... Governo não gosta de nós...” e Olga continua questionando as grandes fazendas abandonadas com casas em ruínas, latifúndios improdutivos... e esses pensamentos e questionamentos despertavam em Quaresma a intenção de melhorias com capinador mecânico, destocador, grades, sonhando com a grande produção nas terras mais férteis do mundo, que não precisam sequer adubo, comparando-as com as terras da Europa que há anos são cultivadas.

Mais ou menos na mesma época, um escritor português Jose Maria Ferreira de Castro desembarcou em Belém, no Pará, infiltrou-se nos seringais, na localidade de Paraíso, `as margens do rio Madeira, em plena selva amazônica onde viveu durante quinze anos, os pavores e angústias de quem é explorado, desrespeitado, vivendo situações de medo, miséria, doença, abandono, e pavor diante da imensidão da mata. Ele relata com detalhes a exploração dos seringueiros.

Seu Juca manda buscar os “brabos” aos Ceará e lhes paga as passagens e as comedorias até aqui. Se eles viessem com as mulheres e a filharada ficavam muito caros. Depois se um homem tivesse aqui a família, trabalhava menos para o patrão. Ia caçar, ia pescar, ia tratar do mandiocal e só tirava seringa pra algum tipo de cachaça ou metro de riscado¹ que precisasse. E seu Juca não quer isso, O que seu Juca quer é seringueiro sozinho, que trabalha muito com a idéia de tirar saldo para ir ver a mulher ou casar lá no Ceará. (CASTRO- 1972)

Três anos após o desembarque, Ferreira de Castro começou a rascunhar seus primeiros textos, publicando alguns deles em jornais de pequena circulação.

A obra completa só foi publicada em 1930. Mas ainda não foi por esses tempos e por essas páginas da literatura que a vida dos camponeses começou a mudar. Estas foram sementes lançadas em solo fértil, que futuramente produziram frutos quando encontraram ressonância em líderes como Chico Mendes.

Mais dois autores contribuíram para nossas reflexões a respeito do sertanejo: Euclides da Cunha, que foi para o interior da Bahia como representante do jornal (O Estado de São Paulo) para cobrir suposto levante monárquico. Lá, ao acompanhar os levantes finais da Guerra de Canudos, idealiza a obra “Os Sertões”, demonstrando profundo sentimento patriótico e sensibilidade com as diferenças sociais encontradas naquilo que ele denomina de existência de “dois brasis”, dialogando com Monteiro Lobato assim descreve “O sertanejo é antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral”, mas concorda com a descrição física feita por Lobato em

“A sua aparência, no entanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas...E se na marcha estaca pelo motivo mais vulgar, para enrolar um cigarro, bater o isqueiro, ou travar ligeira conversa com um amigo, cai logo- cai é o termo- de cócoras, atravessando largo tempo numa posição de equilíbrio instável, em que todo o corpo fica suspenso pelos dedos grandes dos pés, sentado sobre os calcanhares, com uma simplicidade ao mesmo tempo ridícula e adorável.E o homem permanentemente fatigado. (AMARAL-2000)

Podemos acrescentar ainda autores como Graciliano Ramos em “**Vidas Secas**” relatando a vida de pessoas simples, sem ambições, fugindo da fome, da sede, da falta de trabalho, da exploração do homem pelo homem. Destacamos também Rachel de Queiroz, em “O Quinze”, mesmo tema, fuga da seca, da exploração, das injustiças sociais. Todos, no entanto, ao descrever o homem do campo, o fazem de maneira pejorativa, excludente, irônica, preconceituosa.

Por décadas, essa literatura circulou nas salas de aula, como leitura obrigatória desde o ensino fundamental. Na maioria das vezes, apenas fragmentos foram utilizados apenas para estudo de questões de gramática, ou de vocabulário, sem implicações com uma análise mais profunda das características da escola literária a que pertenciam, sem contextualizar a as obras de onde se

retiravam os fragmentos. A literatura cumpre um papel importantíssimo, que nem um historiador consegue realizar com tanta propriedade: apresentar com clareza de detalhes a história de vida de um povo. A literatura apresenta o sujeito em seu estado natural, suas fraquezas, suas paixões, inseridos em um contexto, em uma história pessoal.

“ A Literatura teria certa superioridade sobre a História e a Sociologia, na medida em que considera os indivíduos inseridos em um meio, uma sociedade, uma história pessoal . Ela trata os seres enquanto sujeitos com suas paixões, seus sentimentos, seus amores, na maior parte das vezes, apagadas pela sociologia” (*Apud* COELHO, *online* 2005)

A função de uma obra literária depende dos objetivos e da intenção do autor, mas os leitores também tem diferentes maneira de ler e são levados a abrir um livro por diferentes motivos. Alguns buscam apenas um divertimento, outros buscam aperfeiçoamento, transformação. Análise crítica em relação à sociedade e a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao proporcionar momentos de leitura reflexiva e discussões, o homem do campo reflete sobre sua condição, permitindo-lhe a retomada de ações e atitudes que valorizam e resgatam a sua cultura e identidade. Como vimos, a obra literária, utilizando-se da palavra, recria a realidade, a vida, focalizando dois aspectos opostos, mas complementares da arte literária: criação e representação. Ela é invenção e ficção, mas mesmo no universo da ficção, mantém relações vivas com o mundo real. A sensibilidade do autor, transmite características da sociedade da época, modos de encarar a vida, questionar a realidade e organizar a convivência social.

Hoje temos um desafio: buscar nas bases, um diálogo com os interesses, as culturas e as especificidades dos movimentos que partilham esse espaço de vida, adequando os conteúdos escolares a uma visão de intertextualidade e dialogismo. Algumas circunstâncias, levam-nos ao acomodamento, de apenas

reproduzir o sistema dominante, já que estamos a serviço dos opressores. Demos hoje ter um novo olhar para a educação. Um olhar de humanização de um mundo do qual somos parte. Mas não vamos nos iludir que uma mudança que virá gratuitamente. Os movimentos sociais tem empreendido essa luta e levantado a bandeira pela educação do campo despertando reflexão e ação sobre a realidade para poder transformá-la.

No decorrer das aulas, fomos nos conscientizando da importância desses movimentos, e que com simplicidade, mas muita garra, eles fazem a diferença. Mesmo os educandos que vivem e trabalham no campo não tinham conhecimento de associações e entidades que podem auxiliá-los, nem participavam das mesmas. Trabalhamos com algumas como segue: Associação dos feirantes de Palmital, Associação dos produtores de leite, UNAPRAL (união central dos produtores rurais de Palmital), CAPRAL (Cooperativa dos produtores rurais de Palmital), o MPA (movimento dos pequenos agricultores) a EMATER, o Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural (CDMR), os Sindicatos rurais etc. Através das leituras, discussões, sínteses, entrevistas com os responsáveis pelos movimentos, procuramos despertar nesses jovens, o sujeito político e politizado que deve existir em cada ser humano.

O sistema educacional brasileiro não tem dado conta da educação no que diz respeito à diversidade. Entretanto, uma nova postura profissional poderá ser estabelecida a partir de pesquisa aplicada às bases, envolvendo educação para o exercício pleno da cidadania e emprego de métodos e técnicas diferenciadas, que atendam as diferentes comunidades. Portanto, autonomia para os educadores, interesses comuns quando se trata de educação, mas educação para a vida. (SEED p.15)

REFERÊNCIAS

BARRETO, Lima- **Triste Fim de Policarpo Quaresma**: Editora Scipione São Paulo, 1994

BOLFERR, Maura Maria Morais de Oliveira. **Imagens/representações de professora na literatura infantil: um confronto entre a tradição e a inovação**.

2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas/SP, 2003. acessado em 30-06-2011. http://educacao.uniso.br/prod_cientifica/alunos/dissertacoes_2008_news/for_macao%20continuada_professores.pdf

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Brasília: MEC, 1999.

CASTRO, Ferreira de. **A Selva**: Editora Verbo- São Paulo- 1972

CEREJA, Willian Roberto.; MAGALHAES, Thereza Cochar. **Português/ linguagens: Volume 3: ensino Médio/ 5.ed.** – São Paulo: Atual, 2005

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura: arte, conhecimento e vida**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná. SEED Curitiba, 2006.

FARACO, C. A. Área de Linguagem: **Algumas contribuições para a sua organização**. In:

FARACO, Carlos Alberto. **Português: Língua e Cultura**, Ensino Médio, 2ª série. Base Editora, Curitiba, 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983 vol 1, 10ª edição.

(“ ”) **A importância do ato de Ler**, Cortez Editora- São Paulo, 12ª Ed. 1986

(“ ”) **Pedagogia do Oprimido**, Paz e Terra- Rio de Janeiro, 49ª reimpressão. 2005

GERALDI, J.W. **Portos de Passagem**: São Paulo, Martins Fontes 4ª ed. 2002.

“ ” . **O texto na sala de aula**: São Paulo, Editora Atica, 3ª ed. 8ª impressão. 2004.

HALLIDAY in: Kaufman, Ana Maria **Escola leitura e produção de textos**: Artmed Editora , Porto Alegre, 1995

LOBATO, Monteiro. **Urupês**: São Paulo Brasiliense, SP- 37ª Ed. 1994.

(“ ”) **Negrinha**. São Paulo, Brasiliense- 1994- 1ª Ed.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para a Educação Básica**. Curitiba: SEED, 2006.

RODRIGUEZ Maria Helena, KAUFMAN Ana Maria **Escola Leitura e produção de textos**, Porto Alegre, Artmed 1995

SARMENTO, Leila Lauar.; TUFANO, Douglas **Português: literatura, gramática, produção de texto**. volume único – São Paulo, Moderna, 2004.

SOUZA, L.de M.(org) **Historia da vida privada no Brasil- Cotidiano e vida privada na América Portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras , 1997.

ROSA, João Guimarães, **Grande Sertão: Veredas** João Guimarães Rosa- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 33ª impressão

SILVA, Tomaz Tadeu da, (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva de Estudos Culturais**. /Tomaz Tadeu da Silva (org) Stuart Hall, Kathryn Woodward 9ª Ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.

VILALTA, Luiz Carlos. **O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura**.

In:

Historia da vida privada no Brasil, 1: cotidiano e vida privada na América portuguesa. Fernando A. Novais (Coordenador geral da coleção); Laura de Mello e Souza (organizadora de volume). São Paulo. Companhia das Letras. 1997. 332-385

p. <http://alb.com.br/arquivo->

[morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem17/COLE_1267.pdf](http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem17/COLE_1267.pdf) acessado em